

## O Estilo das poesias de Adélia Prado

Ana Paula Oliveira Pereira<sup>1</sup>

O que a memória ama fica eterno. (Adélia Prado)

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo analisar as poesias “Para comer depois” e “Janela” de Adélia Prado de seu livro *Bagagem* publicado em 1976. A poetisa se destacou por depositar em sua escrita os valores tradicionais que foram perdidos com o decorrer dos anos pela modernidade, ela ressalta em suas poesias a forma de ver a vida, o que resulta no diferencial por seu estilo único. Tomamos como base teórica *O demônio da Teoria* de Antoine Compagnon, focando no capítulo V que aborda especificamente sobre “Estilo”.

**Palavras-chave:** Literatura, Bagagem, Estilo, Simplicidade.

**Abstract:** This article aims to analyze the poems “Para comer depois” and “Janela” by Adélia Prado from her book *Bagagem* published in 1976. The poet stood out for depositing in her writing the traditional values that were lost over the years by the modernity, she emphasizes in her poems the way of seeing life, which results in the differential for her unique style. We take as a theoretical basis Antoine Compagnon's *O demônio da Teoria*, focusing on chapter V that specifically addresses “Style”.

**Key-words:** Literature, Luggage, Style, Simplicity.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado à disciplina de Estudos Literários: Teoria Literária I. Acadêmica da 8ª fase do curso Letras/Português pela Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, campus de Pontes e Lacerda. ana.paula14@unemat.br.

## O Estilo das poesias de Adélia Prado

Adélia Luzia Prado de Freitas nasceu em Divinópolis, Minas Gerais, onde vive até hoje. Escreveu seus primeiros versos em 1950, aos 15 anos, no período que seguiu o falecimento de sua mãe. Apesar de escrever desde jovem, foi aos 40 anos que publicou seu primeiro livro chamado *Bagagem* em 1976, sendo seu livro de estreia. Adélia Prado deposita nesta escrita toda sua experiência de como ela vê a vida, trazendo momentos nostálgicos que são refletidos em suas poesias.

A visão poética da poetisa está de acordo com sua vivência, mulher, esposa de funcionário público que cresceu no interior em uma cidadezinha no interior de Minas Gerais. É neste lugar longe dos centros urbanos onde Adélia Prado deposita em suas poesias toda sua bagagem, mostrando em meio a suas poesias a valorização do simples e o belo de uma cidade do interior. Os poemas de Adélia Prado são centrados no cotidiano e tem uma simplicidade que encontramos num “eu lírico” universal.

Notamos em suas poesias a subjetividade que é um espaço íntimo, ou seja, é o mundo interno de todo e qualquer ser humano, este é composto por emoções, sentimentos e pensamentos. Na poesia de Adélia Prado o espaço é um lugar simples cortando as conexões com a modernidade. O sentimento ganha forma de saudade, saudade de uma cidade do interior e a vida simples lá encontrada. O eu lírico mostra para nós enquanto leitores, que as coisas mais simples e bonitas são encontradas no sentimento, o amor e a solidariedade na vida cotidiana.

O sentimento e a simplicidade são destaques em suas poesias desde a escrita, a forma de ver a vida, com isso a poetisa deixa a modernidade e a tecnologia de lado. O estilo de Adélia Prado vem expressar em suas poesias o dia a dia, as coisas pacatas da vida, é o que torna suas poesias uma forma bonita de sentir o que já foi, seu estilo faz com que seja diferente de outros poetas pela forma que transparece a beleza da vida em suas poesias, por este e outros motivos que Adélia Prado tenha se tornado uma poetisa reconhecida em sua forma de ver a vida e colocar suas vivências nas suas poesias ela detém um estilo particular.

O estilo, pois, está longe de ser um conceito puro, é uma noção complexa, rica, ambígua, múltipla. Em vez de ser despojada de suas acepções anteriores à medida que adquiria outras, a palavra acumulou e hoje pode comportá-las todas: norma, ornamento, desvio, tipo,

sintoma, cultura, é tudo isso que queremos dizer, separadamente ou simultaneamente quando falamos de estilo. (Compagnon, 1999, p.90)

Adélia Prado tem seu estilo único e isso vai transparecer em suas poesias, uma escrita simples até a forma do eu lírico olhar a vida. A literatura é livre e pode tudo, os desvios gramaticais, a forma do eu lírico ver a vida, tudo isso denota estilo. A fim de comprovarmos nossa afirmativa, selecionamos o poema que iremos analisar primeiramente, “Para comer depois” do livro *Bagagem*.

### **Para Comer Depois**

Na minha cidade, nos domingos de tarde,  
as pessoas se põem na sombra com faca e laranjas.  
Tomam a fresca e riem do rapaz da bicicleta,  
a campainha desatada, o aro enfeitado de laranjas:  
‘Eh bobagem!’<sup>0</sup>  
Daqui a muito progresso tecno-ilógico,  
quando for impossível detectar o domingo  
pelo sumo das laranjas no ar e bicicletas,  
em meu país de memória e sentimento,  
basta fechar os olhos:  
é domingo, é domingo, é domingo.

O poema de Adélia Prado não tem relação com a modernidade, é um lugar fora do tempo e longe do mundo tecnológico. Notamos logo de início que o eu lírico descreve uma cidade interiorana e podemos observar do primeiro ao quinto verso as pessoas se porem à sombra com faca e laranjas, tomando o ar fresco que é mencionado no terceiro verso “Tomam a fresca”. A forma como o eu lírico expressa a rotina leva o leitor a ter sentimentos nostálgicos, tais como aproveitar o que passa despercebido aos nossos olhos. Na poesia transparece o sentimento de saudade e valorizar as coisas mais simples da nossa vida, aproveitar o presente, pois tudo passa e o que resta é a saudade de voltar no tempo.

No quinto verso o eu lírico cita “Eh bobagem!” identificamos a quebra de uma regra gramatical, e pode ser dita por qualquer pessoa, sentada à sombra enquanto comia laranjas. Na literatura não se tem regras e é livre, tudo é permitido e a poetisa usa as palavras com simplicidade e com clareza.

Por um lado, o estilo é uma certeza que pertence legitimamente as ideias preconcebidas sobre a literatura, pertence ao senso comum, por

## O Estilo das poesias de Adélia Prado

outro, o estilo é uma ilusão da qual, como a intenção, com a referência, é imperioso libertar-se. (Compagnon, 1999, p.86)

Adélia expressa em suas poesias desde uma escrita simples ao selecionar momentos, ela não tem a preocupação em escrever palavras de acordo com as regras gramaticais, é o seu estilo de escrita, além dos versos serem livres, observamos versos mais longos e mais curtos, não tem rimas e somente uma estrofe em suas poesias, tudo isso transparece seu estilo, a poetisa tem a liberdade de escrever sem se preocupar com as palavras de acordo com a gramática.

No sexto verso a palavra “tecno-ilógico”, é um progresso sem tecnologia, longe das movimentações tecnológicas. Interessante que o eu lírico ressalta a importância em aproveitar o momento longe da tecnologia, com isso, o eu lírico nos faz voltar ao tempo quando as pessoas se reuniam, aproveitavam mais o momento e a família longe do mundo moderno e das movimentações tecnológicas. Outro ponto interessante são os verbos no presente encontrados no poema como: “andando”, “tomam”, “riem”, dando concretude à cena, é como se estivesse acontecendo aqui e agora, o eu lírico nos mostra através dos versos como aproveitar o agora, a literatura pode nos causar diversos sentimentos, inclusive a saudade de um passado que não volta.

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma, porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. (Todorov, 2009, p.76)

O eu lírico menciona no último verso “é domingo, é domingo é domingo”. O domingo sabemos que é um momento de descanso, é no domingo que se reúne a família e amigos para aproveitar o dia. E em meio a tantos dias da semana, o domingo é destacado, ou seja, é a delimitação do dia da semana, afinal o domingo é o dia de reunir a família, sendo o dia sagrado e importante para muitos.

É no domingo que mais sentimos saudades de estar em família e Adélia Prado traz em suas poesias essa saudade e a valorização em aproveitar o simples, afinal o tempo passa e em meio a tecnologia tudo se perdeu, inclusive aproveitar estes

momentos e o reunir familiar, não se tem mais esses costumes e as brincadeiras, as pessoas vivem grudadas em seus aparelhos tecnológicos, o mundo das laranjas, das frescas de domingo e das bicicletas desapareceu, mas o sentimento sempre permanecerá ao lembrar dos domingos.

O eu lírico ressalta no décimo verso a expressão “basta fechar os olhos”, podemos perceber que essa invocação não é de um futuro e sim de um passado, pois quando o eu lírico menciona sobre fechar os olhos, ressalta o fato de subtrair do lugar onde se está para tentar voltar a uma realidade que se perdeu, assim o eu lírico declama três vezes no último verso: é domingo, é domingo, é domingo.

A voz lírica nos faz pensar na época da nossa infância e estar em família aos domingos, longe das tecnologias e nos conectarmos com o as coisas mais simples como o cotidiano e a natureza. Na literatura é sempre um “eu” se dirigindo para um “tu”, o que torna universal os momentos e a importância de valorizar as coisas mais simples da vida, como aproveitar os momentos longe dos aparelhos tecnológicos e se deliciar com as tardes de domingo em família. Podemos notar a presença de uma simplicidade não só “Para comer depois” mas em *Janela*.

### **Janela**

Janela, palavra linda.  
Janela é o bater das asas da borboleta amarela.  
Abre pra fora as duas folhas de madeira à toa pintada,  
janela jeca, de azul.  
Eu pulo você pra dentro e pra fora, monto a cavalo em  
você,  
meu pé esbarra no chão.  
Janela sobre o mundo aberta, por onde vi  
o casamento da Anita esperando neném, a mãe  
do Pedro Cisterna urinando na chuva, por onde vi  
meu bem chegar de bicicleta e dizer a meu pai:  
minhas intenções com sua filha são as melhores possíveis.  
Ô janela com tramela, brincadeira de ladrão,  
claraboia na minha alma,  
olho no meu coração.

Do primeiro ao quarto verso o eu-lírico menciona a palavra “Janela” em letra maiúscula para nos fazer pensar que não é qualquer janela, nada que está colocado na poesia é por acaso, há uma intenção no eu lírico em nos chamar atenção e nos fazer pensar enquanto leitores que é através da janela que observamos e sentimos as coisas mais simples da vida, como o vizinho passar, observar a chuva e ver o amado chegar pela janela, esta exterioriza o sentimento que guardamos ao observar aquele momento.

No quarto verso o eu lírico trata de uma janela simples de madeira pintada de azul, é algo que notamos em qualquer cidade do interior, inclusive as cores e a janela rústica, é expresso no segundo verso “Janela é o bater das asas da borboleta amarela” e no quarto verso “janela jeca, de azul”.

A partir do sétimo verso o eu lírico descreve que é pela janela que se vê o casamento da Anita, a mãe do Pedro Cisterna urinando na chuva e por onde o seu amor chega de bicicleta com os seguintes dizeres: “Minhas intenções com sua filha são as melhores possíveis.” Este poema nos faz pensar quando nossos avós ou pais contavam quando se encontravam com seus amores ou observavam o vizinho pela janela, não é só uma janela, são os momentos vividos naquele lugar, o sentimento que a janela nos traz, a saudade dos tempos que não voltam, de ouvir ou viver momentos inesquecíveis através de uma simples e linda janela. Nos últimos versos Adélia Prado usa as figuras de linguagem metáfora e prosopopeia, deixando o poema ainda mais encantador.

O poema “Janela”, não trata de uma simples janela nos versos, tem mais de um sentido colocado na poesia, ou seja, a pluralidade de sentidos é usada de uma forma criativa. A janela abre a dimensão para sentimentos e experiências, deixando o lado objetivo e nos mostrando a subjetividade no fazer literário.

### **Considerações finais:**

Nos poemas analisados de Adélia Prado no livro *Bagagem* vemos a simplicidade que a poetisa usa em saber trabalhar com as palavras de uma forma simples, cotidiana e como o eu lírico vê a vida longe do mundo moderno. Adélia Prado destaca a importância do simples, a vida longe da tecnologia, focando no que é mais importante no cotidiano. A poetisa nos mostra que o simples é essencial e percebemos diante de

suas poesias o que foi perdido, reaparece por meio da escrita para nos fazer refletir e sentir a saudade do que tínhamos.

A poetisa dá espaço para nos fazer pensar enquanto leitores como é bom valorizar e recordar as coisas simples da nossa vida. Os seus poemas refletirão que a modernidade não tem valor e importância, por outro lado mostra uma busca de recuperar os valores humanos que foram perdidos. A poetisa tem seu estilo único e uma forma de escrever em suas poesias mostrando a simplicidade em sua escrita e a valorização do cotidiano. Adélia Prado nos mostra por meio de suas poesias em especial o livro *Bagagem* a essência da vida pacata de uma cidade do interior e enquanto leitores, voltamos no tempo em que era melhor o termo “tecno-ilógico” do que o “tecnológico”.

Adélia tem seu estilo único e diferencial em suas poesias, vemos as histórias contadas pelos nossos avós através da Janela, a saudade de estar em família aos domingos longe da tecnologia e do mundo moderno. As suas poesias vivem e sempre viverão a cada verso que lermos, nos trará saudades de um passado que não volta e com essa saudade, ao fecharmos os olhos e lembrarmos dos domingos “é domingo, é domingo e é domingo”, voltaremos no tempo e sentiremos a saudade desse tempo em família e quando debruçarmos na janela, lembraremos ao ver nosso amor chegar pela janela.

Em meio a tantos poemas e poetas, escolhemos Adélia Prado para analisar por seu estilo único e *O Demônio da Teoria* de Antoine Compagnon foi de suma importância para conhecer mais sobre o estilo da poetisa, afinal ela sente as suas poesias por meio de suas vivências e o próprio nome da obra “Bagagem” nos deixa refletindo sobre como ela escreve em forma de poesia o amor, a saudade, natureza, é uma bagagem de sentimentos e experiências em sua obra, é sobretudo em *Bagagem* que vemos a tentativa de recuperar os antigos costumes sociais que foram perdidos com a modernização e restabelecer o antigo vínculo sociedade e natureza.

**Referências:**

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: Literatura e senso comum/** Antoine Compagnon; tradução de Cleonice Paes Barrero Mourão. – Belo Horizonte: Ed.UFMG,1999

POEMA DE HOJE -Para Comer Depois- Adélia Prado. **Universidade Livre do Alvito** <<https://universidadelivredoalvito.xyz/poema-de-hoje-para-comer-depois-adelia-prado/>> Acessado em: 05 de agosto. de 2023.

SALVÁ, Camila; DIEDRICH, Andressa, O cotidiano nos versos de Adélia Prado. **Instituto Ling.** <<https://institutoling.org.br/explore/o-cotidiano-nos-versos-de-adelia-prado>> Acessado em 05 de agosto. de 2023

JANELA. **Poetisarte** <<https://poetisarte.com/autores/adelia-prado/janela/>> Acessado em 06 de agosto. 2023.

TODOROV,Tzvetan. **A literatura em perigo.** Rio de Janeiro. DIFEL, 2009.